

LINHAS DE FUGA

por ERIK DE CASTRO*



Cartaz de *Epic*, biopic de Elvis Presley

Elvis, épico, 'In Concert'

Choro e rio toda vez que o vejo. Sua voz um petardo. Sua alma, só Luz. Seu talento, inigualável. Voz, jeito, molejo, instinto, gêneros diversos, todos praticamente: Do country ao folk. Do R&B, pro Soul, pro Gospel, pro Rock N' Roll, baladas... The King of Rock. The Lady's Man. Beijos na boca a mil, a rodo. Ninguém beijou tanta fã ao vivo quanto Elvis. Desavergonhadamente. Despudoradamente. Várias, bem na frente dos olhares de seus maridos e namorados, admirados como elas, provavelmente pensando: se eu fosse uma delas, faria o mesmo... Ele pode! Elvis, o pacote completo: de beleza, potência, talento e elegância. E VOZ. Ninguém foi como Ele. Long live the King! O Deus do Rock n' Roll: Ele foi o meu primeiro contato com a verdadeira Arte, quando ouvi um compacto de minha mãe em casa, em 1977, então eu, com 5 pra 6 anos: "Love me Tender"... "Suspicious Minds"... "It's Now or Never"... "Are You Lonesome Tonight?" Duas faixas de cada lado, num pequeno vinil de capa branca de papelão. Amor à primeira audição. Elvis o culpado Mor! Minha primeira inspiração. Meu primeiro Amor à Arte. Arte. Razão do meu viver. E do meu sofrer. Vivo Artista. Sofro Artista. Morrerei Artista. Como Ele, que deu tudo, em Vida, por todos nós. Eterno... Permanece. Nos corações de quem ficou. Tá triste? Uma hora de Elvis e passa! Uma hora, trinta e seis minutos e quarenta e um segundos para ser preciso: "Epic: Elvis in Conceer", de Baz Luhrmann. A maior produção audiovisual sobre o Rei jamais feita. Sem efeitos, sem IA. Apenas dois gênios de carne, osso e alma, de mãos dadas: Baz e Elvis. Elvis e Baz. Que casal maravilhoso! Tô com ciúmes, Elvis... Mas reconheço: o amor de vocês dois, foi feito maravilhosamente bem... E já gerou dois filhos, até agora... Que os Deuses da Arte abençoem esse belo casal!

***Cineasta**



João Bosco é o grande homenageado na edição desta terça do Sem Censura

Clube dos oitentões da MPB recebe a filiação de João Bosco

O consagrado cantor e compositor mineiro junta-se à ilustre companhia de Chico, Caetano, Gil, Bethânia, Ivan Lins e Milton

AFFONSO NUNES

O clube dos grandes nomes da MPB que chegaram aos 80 anos de vida acaba de ganhar mais um membro ilustre. Com oito décadas completadas no último domingo (12), João Bosco será homenageado ao vivo na edição desta terça-feira do programa Sem Censura (TV Brasil). O cantor e compositor mineiro pavimentou uma carreira de mais de cinco décadas pautada pela genialidade e sofisticação musical. "A música me deu tudo: me trouxe pessoas, histórias e momentos", comentou o artista em entrevista ao JC Uol às vésperas de seu aniversário. Desde menino, ele demonstrava interesse por música. "Minha irmã tocava piano e percebi que eu gostava de ficar mexendo no violão verde. Eu ficava colocando os dedos e ela viu que eu tinha interesse. Minha vida musical começou ali", relembra. Antes de se dedicar exclusivamente à música, Bosco era engenheiro civil formado pela Universidade de Ouro Preto. Durante seus

anos de estudante, era fã inveterado do jazz de Miles Davis e da bossa nova de João Gilberto e Tom Jobim. Foi também na universidade que conheceu o poeta Vinicius de Moraes, cujas influências marcariam sua trajetória. Ao se mudar para o Rio, abandonou a engenharia para perseguir a música. Sua estreia em disco, em 1972, já apresentava ao grande público um artista notável. O jornal alternativo O Pasquim lançava uma série de compactos inovadora chamada "Disco de Bolso", vendida em bancas de jornal, que trazia um artista consagrado no lado A e um novato no lado B. No primeiro volume, Tom Jobim gravou "Águas de Março" — que se tornaria um dos maiores clássicos da música brasileira — enquanto João Bosco apresentava "Agnus Sei", sua primeira gravação. O projeto, produzido por Sérgio Ricardo, foi um sucesso de público e crítica, abrindo as portas para o que viria a ser uma carreira de parcerias memoráveis. Mas foi a parceria com o letrista carioca Aldir Blanc (1946-2020) que consolidou o nome de Bosco na história da MPB. Juntos, criaram sucessos como "O Bêbado e a Equi-

librista" é apenas um dos clássicos que marcaram época. A parceria produziu pérolas como "Dois Pra Lá Dois Pra Cá", "Corsário" e "Bala com Bala", todas essas canções imortalizadas pela voz de Elis Regina. Enquanto Aldir derramava sensibilidade em seus versos, João Bosco entregava complexidade harmônica em suas melodias. Dono de uma das batidas de violão mais célebres da MPB, João Bosco conquistou o grande público tanto em seus álbuns quanto em apresentações ao vivo. Ao longo dos anos, lançou álbuns que se tornaram referência: de "João Bosco" (1973) e "Caça a Raposa" (1975) até trabalhos mais recentes como "Relicário" (2023) e "Boca Cheia de Frutas" (2024), além do álbum colaborativo "Corsário and Guests" (2025). Em 2017, recebeu homenagem pela excelência musical da Academia Latina de Gravação, reconhecimento que coroava uma carreira já repleta de indicações ao Grammy Latino. Nos últimos anos, Bosco reinventou sua trajetória ao lado do filho Francisco, mantendo a mesma exigência estética que o caracteriza desde o início. Em 2020, em parceria com o filho, conquistou o Grammy Latino de Melhor Canção em Língua Portuguesa. Levantamento do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) confirma que o repertório de João Bosco permanece entre os mais tocados da música brasileira mesmo na era das plataformas digitais de música.